

aspectos do legado pessoal



aspectos
do
legado
pessoano



fernando
j.b.
martinho

LISBOA
TINTA - DA - CHINA
M M X X I I

ÍNDICE

© 2022, Fernando J.B. Martinho
e Edições Tinta-da-china

Edições Tinta-da-china
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 – E.10
1750-149 Lisboa – Portugal
Tels.: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Aspectos do Legado Pessoa*

Autor: Fernando J.B. Martinho

Edição: Patrícia Soares Martins e Serafina Martins

Coordenador da colecção: Jerónimo Pizarro

Revisão: Rita Almeida Simões

Composição: Tinta-da-china (Pedro Serpa)

Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)

1.ª edição: Setembro de 2022

ISBN 978-989-671-699-8

DEPÓSITO LEGAL n.º 498123/22

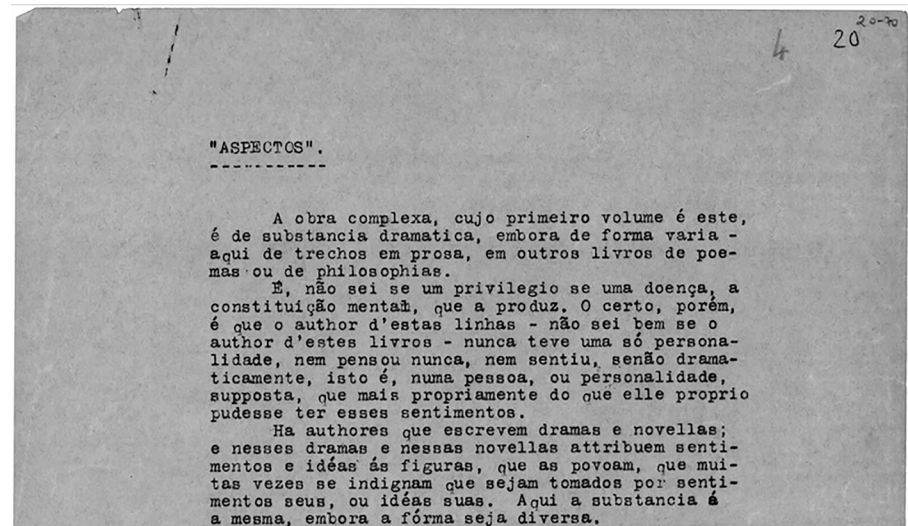
Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos
Projectos UIDB/00077/2020 e UIDP/00077/2020

Nota: Procedeu-se à actualização ortográfica de todos os textos citados de Pessoa.

- 11 Nota prévia
- 15 Prefácio

- 19 Pessoa e os surrealistas
- 46 Sophia lê Pessoa
- 58 Alexandre O’Neill e Pessoa
- 71 «O menino da sua mãe», poema figurativo
- 82 Regresso ao abismo: leituras poéticas de Pessoa nos anos 90
- 113 Ruy Belo e Fernando Pessoa
- 125 Casais Monteiro e a poesia de Pessoa
- 137 Ana Hatherly e Fernando Pessoa
- 151 A virtude da admiração: Eduardo Lourenço e Pessoa
- 168 «Aquela grande certeza sinfónica»: Bernardo Soares e Vieira
- 182 Heranças de Pessoa na poesia portuguesa contemporânea
- 195 Cesariny para além do surrealismo
- 216 Reflexões sobre a literatura no *Livro do Desassossego*
de Bernardo Soares
- 223 Uma relação ambivalente: os neo-realistas e Pessoa
- 250 M.S. Lourenço: máscaras heteronímicas
e aproximações pessoais
- 274 A liberdade, segundo Campos (1929-1930)
- 286 Para uma tópica do tempo e da melancolia:
o *ubi sunt* em Fernando Pessoa

- 305 Autoconsciência literária em Bernardo Soares,
com uma coda sobre o *Livro* como livro de sabedoria
- 322 Partidas, caixeiros-viajantes, encontros e desencontros:
Caeiro e alguma poesia portuguesa contemporânea
- 352 Memória dos primeiros congressos pessoanos
- 363 Notas para uma leitura de «Quasi», de Álvaro de Campos
-
- 373 Nota biográfica

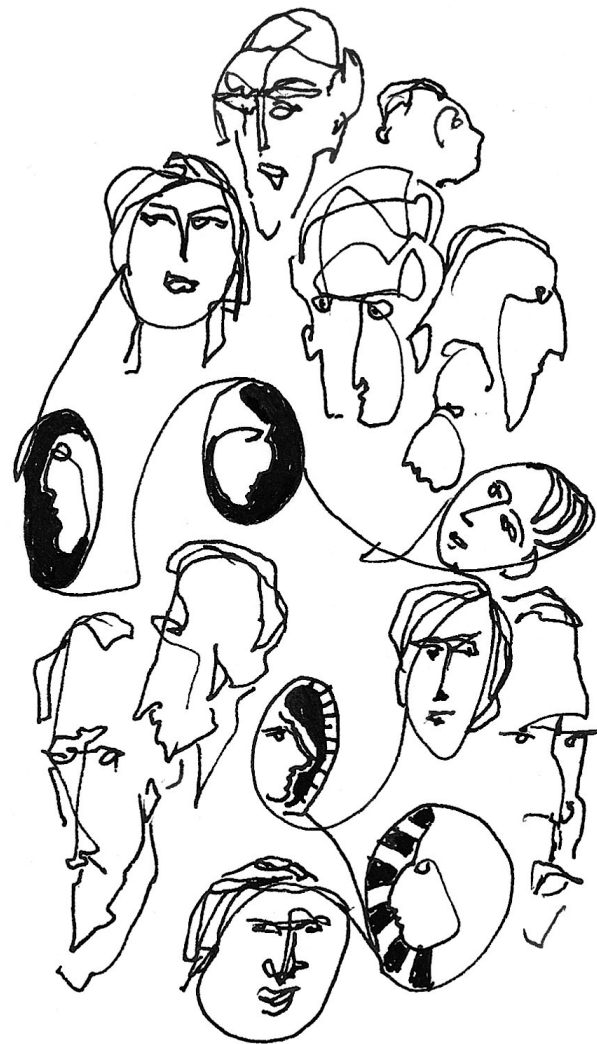


INÍCIO DE «ASPECTOS», TÍTULO ANTERIOR A «FICÇÕES DO INTERLÚDIO».
DESTINADO À PUBLICAÇÃO DAS OBRAS DOS HETERÓNIMOS.
DE ANTÓNIO MORA E DO *LIVRO DO DESASSOSSEGO*

Impõe-se-me, antes de mais, que esta nota seja breve e simples. Gostaria de, em primeiro lugar, expressar os meus agradecimentos às pessoas sem as quais o livro não teria sido possível. Devo a duas colegas e amigas, Patrícia Soares Martins e Serafina Martins, o grande empenho e cuidado que puseram na sua organização, na revisão apurada, nas sugestões e nos reparos que fizeram, e sobretudo na paciência que um projecto deste tipo requer. A Paula Morão, minha amiga desde que iniciei funções na Faculdade de Letras de Lisboa, agradeço a generosas palavras no iluminador prefácio a *Aspectos do Legado Pessoaano*.

A selecção de textos que fiz para este volume teve especialmente em conta o equilíbrio a estabelecer com a sua diversidade tipológica. Os ensaios foram, em grande parte, redigidos no período em que ensinei Estudos Pessoaanos, mas o meu interesse pela obra de Fernando Pessoa vinha, pelo menos, dos princípios dos anos 70. A palavra inicial do título deste livro reflecte uma homenagem ao criador dos heterónimos, que chegou a considerá-la como designação do prefácio das suas obras. Quer nas aulas, quer nos escritos, sempre Pessoa representou, para mim, o enigma da esfinge, a dificuldade, ao mesmo tempo desafiadora e exaltante, de o decifrar. Desse enigma falou, afinal, melhor que ninguém Eduardo Lourenço numa passagem dos seus ensaios, que reproduzo: «Pessoa não precisa de nós

e, mais do que simples evocação ou homenagem, este encontro deve deixar Pessoa entregue ao seu enigma para que não cedamos à ilusão de que deciframos o nosso.»



fernandostanislau
6. Junho 2018

PREFÁCIO

PAULA MORÃO¹

Reúnem-se neste volume ensaios dispersos sobre Fernando Pessoa, assinados pelo autor do decisivo volume *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50* (1996; 2.^a ed., revista, 2013). Os textos agora editados seguem o caminho do que Fernando Martinho já havia feito para a Biblioteca Breve — *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa: Do «Orpheu» a 1960* (1983, 1991). Menciono estas obras porque elas tornam já evidente o saber minucioso do ensaísta, atentíssimo leitor da poesia portuguesa do século xx, que, longe de se limitar a fazer inventário de obras publicadas (as dos autores maiores, mas também as de muitos poetas ditos menores), as lê, com isso formando um vasto arco que enquadra e ilumina a visão panorâmica. Como bem se vê pelo título editado na Biblioteca Breve, Martinho dedicou-se desde cedo ao papel de Pessoa na poesia contemporânea; tendo publicado relativamente pouco em vida², Pessoa teve a primeira edição da sua poesia editada em livro por Casais Monteiro em 1942 (à exceção de *Mensagem*, 1934) — e foi, a partir daí, muito lido. Ora, os ensaios aqui reunidos, ordenados por data de publicação, bem como outros não antologiadados, mostram à evidência duas questões essenciais: primeiro, a poesia de Pessoa teve eco muito forte nos contemporâneos, tanto os que seguem

¹ Professora Emérita da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

² Para desfazer essa impressão empírica, vejam-se: Arquivo Pessoa (arquivopessoa.net) Textos publicados em vida; Fernando Cabral Martins (ed.), *Ficções do Interlúdio — 1914-1935*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

linhas da sua complexa obra, como os que fazem questão de dela se proclamarem afastados; segundo, Fernando J.B. Martinho leu e estudou aprofundadamente tanto o multifacetado Pessoa como um *corpus* muitíssimo alargado de poetas, apoiado em esclarecedora bibliografia.

Se olharmos para o índice deste volume, lá encontramos estudos sobre os surrealistas, monografias sobre poetas que lêem Pessoa — Sophia, Cesariny, O'Neill, Ruy Belo, M.S. Lourenço —, ou sobre críticos como Casais Monteiro e Eduardo Lourenço; acrescentem-se aqueles que não têm uma relação pacífica com o autor de «Tabacaria», como é o caso dos neo-realistas. Nestes textos de Martinho muitas vezes vem a propósito incluir referências a outros poetas e estudiosos, tanto portugueses como estrangeiros, numa rede aberta mas não dispersiva, pois, mesmo em excursos mais ou menos longos, nunca se perde de vista o autor a que em cada ocasião se dedica a pesquisa. O peso do saber múltiplo do crítico e ensaísta torna-se ainda mais claro quando, neste volume, abre uma grande angular sobre décadas ou sobre tópicos: é o caso de «Regresso ao Abismo: leituras poéticas de Pessoa nos anos 90» (1996), «Heranças de Pessoa na Poesia Portuguesa Contemporânea» (2008), ou «Para Uma Tópica do Tempo e da Melancolia: O *ubi sunt* em Fernando Pessoa» (2011), ou o de «Partidas, Caixeiros-Viajantes, Encontros e Desencontros: Caeiro e alguma poesia portuguesa contemporânea» (2016). Falta nesta antologia, por vontade do autor, «Pessoa em Abismo nos Anos 80» (*Colóquio-Letras* n.º 88, 1985; disponível *online*), primeiro volante do texto de 1986, cuja leitura muito recomendo: tem um manancial riquíssimo de informações e de laços entre poetas, abrindo o campo a múltiplas pesquisas.

Como é timbre de Fernando Martinho, em artigos como estes desenham-se círculos concêntricos num duplo movi-

mento, centrípeto e centrífugo, tendo como eixo Pessoa ou um dos seus heterónimos, para verificar como se espelham em poetas contemporâneos. Por exemplo, nos artigos «Pessoa e os surrealistas», e «Heranças de Pessoa na poesia portuguesa contemporânea» repare-se na dimensão órfica desenhada no movimento de descida e de ressurgimento do abismo: como Orfeu em malograda busca de Euridice, os poetas portugueses estudados baixam às profundezas, e, lá encontrando a encarnação de Pessoa em tantos, mas tantos dos seus textos e figuras, trilham o caminho de retorno desta aprendizagem de si e das raízes que os vão fazendo. Tópico correlato deste será o da viagem e de um seu avatar, a deambulação, unindo a lembrança de Cesário Verde (e de Garrett e de António Nobre, acrescento eu) ao Campos das grandes odes, ao Bernardo Soares da Rua dos Douradores, ao Caeiro sentado à sua porta, a Reis imerso nos clássicos, ao ortónimo melancólico ou risonho — todos projectados numa tela em que Sophia, Ruy Belo, Alexandre O'Neill, Pedro Tamen, Armando Silva Carvalho e toda uma plêiade de outros procuram, escrevem e dão a ler o cerne da poesia do século xx. Esboça-se aqui uma lista que, parecendo longa, é afinal muito curta: quem leia estes ensaios de Fernando Martinho encontra linhas de convergência e de fuga entre uma miríade de vozes de muito diverso teor. Salientem-se ainda as reflexões sobre o legado, a influência, com o auxílio de clássicos como Pound, Eliot ou Bloom e outros suportes teóricos. E não se esqueçam as incursões na tradição que importa ter presente, para ler Pessoa, como é o caso da literatura simbolista de língua francesa (Laforgue, Moréas, Mallarmé e outros) ou, para o estudo da melancolia e do *ubi sunt*, de textos bíblicos e de François Villon; tudo se encontrando na composição iluminada de uma linhagem, uma cadeia, um grande telão. Qualquer investigador

que queira estudar a poesia portuguesa do século xx, incluindo aí muitos dos mais novos, não pode deixar de passar por este mar de referências nunca espúrias, tão ricamente entrelaçadas e com os vultos que dimanam de Fernando Pessoa.

Não se pense que as hipóteses críticas de ler a obra de Pessoa ficam em segundo plano, para que se dê destaque aos poetas trabalhados: nos artigos há muito material de aprofundamento de aspectos da obra pessoana. Por exemplo, no artigo de 2016 «Partidas, Caixeiros-Viajantes, Encontros e Desencontros: Caeiro e alguma poesia portuguesa contemporânea», em muitas páginas se propõem inovadoras leituras de Caeiro antes de passar à sua presença nos poetas contemporâneos; mas um gesto similar se desenrola na generalidade destes artigos, indispensáveis também para os estudos pessoanos. Descobrem-se veios originais sobre o *Livro do Desassossego*, sobre Campos, Caeiro, Reis e o ortónimo nos sete artigos que fecham o volume, mas nos estudos monográficos sobre os contemporâneos seguem-se fios da maior pertinência também na leitura fina da galáxia pessoana. Vendo os lugares de publicação destes textos, torna-se claro que abrangem jornais, revistas e actas de colóquios dentro e fora do país, o que, implicitamente, significa o reconhecimento deste prestigiado crítico, perseverante, entusiasta e rigoroso.

Leiam-se, pois, estes *Aspectos do Legado Pessoaano* — a minúcia, a informação teórica, a vastidão do *corpus* estudado, tudo o recomenda. Precisamos é que alguém meta ombros à empresa de recolher e editar a muito vasta e muito importante obra dispersa de Fernando J.B. Martinho: o ensaísmo que há tantos anos pratica situa-o entre os mais credíveis, sólidos e sabedores dos críticos portugueses.

No ano em que se dá início à publicação das *Obras Completas* de Fernando Pessoa, 1942, travam conhecimento e começam a reunir-se no Café Herminius, em Lisboa, alguns daqueles que irão ser os protagonistas do movimento surrealista português. Até 1946, a *Ática*, depois de *Poesia*, do ortónimo, publicará, dentro do plano das *Obras Completas*, os volumes dedicados a Álvaro de Campos (*Poesias*, 1944), Alberto Caeiro (*Poemas*, 1946) e Ricardo Reis (*Odes*, 1946). Nesse mesmo ano, a Editorial Inquérito dá a lume as *Páginas de Doutrina Estética*, seleccionadas, prefaciadas e anotadas por Jorge de Sena. Assim, quando, em 1947, se constitui o Grupo Surrealista de Lisboa, já se encontram publicados os volumes das *Obras Completas* relativos a Campos, Caeiro e Reis, uma parte significativa da poesia do Pessoa ortónimo e alguns dos textos críticos ou de intervenção mais importantes. Quer isto dizer que aqueles que vêm a empenhar-se nas actividades do primeiro grupo surrealista tiveram oportunidade de entrar em contacto com o essencial da produção poética de Pessoa e com algumas das suas prosas de maior significado, para além das *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, vindas a público em 1945, com uma introdução de Joel Serrão.

Não interessa aqui historiar as vicissitudes por que passou o Grupo Surrealista de Lisboa, nem entrar em pormenores relativamente à dissidência que nele se dá em 1949 levando à criação

Fernando J.B. Martinho (Portalegre, 1938) foi Leitor de Português nas Universidades de Bristol e da Califórnia e é professor aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Os seus estudos têm incidido especialmente sobre a poesia portuguesa contemporânea. Publicou *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa – do «Orpheu» a 1960* (2.^a ed., 1991), *Pessoa e os Surrealistas* (1988), *Mário de Sá-Carneiro e o(s) Outro(s)* (1990), *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50* (2.^a ed., 2013 — Prémio de Ensaio do Pen Clube Português), *Jorge de Sena «aqui no meio de nós»* (2007 — Prémio Jorge de Sena), tendo ainda publicado dois livros de poesia, *Resposta a Rorschach* (1970) e *Razão Sombria* (1980). Coordenou, em 2004, o livro *Literatura Portuguesa do Século XX*, encarregando-se da redacção do capítulo respeitante à poesia. Prefaciou obras de, entre outros, Adolfo Casais Monteiro, António Ramos Rosa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade, António Reis, João Rui de Sousa, António Osório e Ruy Belo. Recebeu em 2015, pelo conjunto da sua obra, o Prémio Fundação Inês de Castro.



ASPECTOS DO
LEGADO PESSOANO

FOI COMPOSTO EM CARACTERES FILOSOFIA

E VERLAG, E IMPRESSO NA EIGAL, INDÚSTRIA GRÁFICA,

SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 90 G/M²,

NO MÊS DE AGOSTO DE 2022.

